Missões e o Enfrentamento do Mal

Valdeir Contaifer, pastor missionário

RESUMO

Missões e o Enfrentamento do Mal é uma reflexão missionária sobre a importância de reconhecermos que existe uma ação maligna opressora e possessiva no mundo. O Novo Testamento e, sobretudo, os Evangelhos enfatizam o enfrentamento aos espíritos maus. Ademais, tanto na cultura antiga como na nossa própria cultura contemporânea existem diversos registros do reconhecimento dos espíritos demoníacos. Até os profissionais e pesquisadores de saúde tem feito considerações a respeito do "transtorno de transe e possessão", como o que está explicitado no Código Internacional de Doenças. Esses fatos nos levam a propor uma evangelização missionária objetiva em face dessa realidade de oposição. Além disso, que o treinamento missionário invista no preparo para melhor diálogo nas culturas que cultivam valores a partir da possessão de espíritos. Não é um desafio fácil, contudo a reflexão é importante e esse artigo convida a essa ponderação.

PALAVRAS-CHAVE: Missões; evangelização; possessão; cultura.

ABSTRACT

Missions and the Confrontation of the Evil is a missionary reflection about the importance that we acknowledge that there is an evil action, oppressive and possessive, in the world. The New Testament and, above all, the Gospel emphasize the confrontation of the evil spirits. Moreover, so much on ancient culture than on our own concurrent culture there are several records of the demoniac spirits' recognition. Even professionals and health researchers have done considerations about "possession trance disorder", as is explicit in the International Classification of Disease. These points bring us to propound an objective missionary evangelization in light of this opposition reality. Furthermore, that the missionary training dedicates preparation for a better dialogue with cultures that cultivate their values from spirits' possession. It is not an easy challenge, however, the reflection is important and this article invites you to do this ponderation.

KEYWORDS: Missions; evangelization; possession; culture.

RESUMEN

Misiones y la Confrontación del Mal es una reflexión misionera sobre la importancia de reconocer que hay una acción perversa opresiva y posesiva en el mundo. El Nuevo Testamento y, sobre todo, los Evangelios enfatizan la confrontación con los espíritus malignos. Además, tanto en la cultura antigua como en nuestra propia cultura contemporánea hay varios registros del reconocimiento de

los espíritus demoníacos. Incluso los profesionales de la salud y los investigadores han hecho consideraciones sobre el "trastorno de trance y posesión", como se detalla en el Código Internacional de Enfermedades. Estos hechos nos llevan a proponer una evangelización misionera objetiva frente a esta realidad de oposición. Además, permita que el entrenamiento misionero invierta en prepararse para un mejor diálogo en culturas que cultiven valores a través de la posesión de espíritus. Este no es un desafío fácil, pero la reflexión es importante y este artículo invita a esta consideración.

PALABRAS CLAVE: Misiones; evangelización; posesión cultura.

INTRODUÇÃO

Quero refletir a respeito da compreensão espiritual necessária aos indivíduos enviados aos campos missionários, quanto ao enfrentamento do mal e à ação evangelizadora em culturas religiosas que abrigam valores espirituais discrepantes à doutrina do Evangelho. O intuito da reflexão será propor pressupostos para a ação missionária.

A relevância da reflexão tem base em três elementos importantes para as missões cristãs: o vocacionado, o povo alvo da evangelização, a missão propriamente dita. Assim entendemos esses elementos:

O Vocacionado

O vocacionado para Missões é extremamente importante porque é a ponta de lança da igreja na comunicação e proclamação de Cristo a grupos de pessoas que, de outra forma, não teriam acesso à informação do que Deus fez em Cristo Jesus para a redenção do pecador e a salvação da humanidade. Por isso, o indivíduo que se percebe especialmente chamado para Missões precisa estar cômico que a sua tarefa o coloca diametralmente em oposição a interesses espirituais malignos que agem nesse mundo.

Quanto mais clareza o vocacionado tiver dos aspectos que envolvem a sua missão melhor preparado estará para ação doua e relevante:

O missionário se considera chamado por Deus, vocacionado espiritualmente a realizar o que precisa ser feito. Vocação, nesse caso específico, tem o sentido de uma inclinação e propensão espiritual à missão, uma sensibilidade envolvente que intui a missão e discerne a visão. Da clareza da missão e do ardor da visão virão os sentimentos correspondentes que motivarão as ações necessárias e o engajamento no processo de ir.¹

O Povo Alvo da Evangelização

Povo alvo em missões é para quem a mensagem se dirige, o grupo de pessoas escolhido como recebedor da principal atenção do projeto missionário, a esse haverá dedicação especial da prática e ações de

¹ CONTAIFER, Valdeir. Vocação Missionária e Missões: Considerações sobre a missão e o difícil processo de deixar-se ir. Amazon.com. 2019, p. 6.

comunicação, relacionamento e atenção. A definição do povo alvo depende de critérios subjetivos relacionados com a pessoa do missionário, suas experiências, sentimentos e discernimento, também com critérios objetivos relacionados a diálogos, estudos, pesquisas e decisões em colegiado com apoiadores, enviados e parceiros.

O alcance do povo alvo com a proclamação cristã, na verdade, se apresenta em quatro instâncias no processo do trabalho missionário, embora seja mais comum pensar apenas num bloco alvo para o foco da ação missionária. Isso é verdadeiro porque a comunicação abarca, pelo menos, quatro tipos de pessoas alvo: grupo interno, intermediário, alvo propriamente dito e comunidade em geral. É o mesmo que dizermos que a comunicação se dirige a múltiplas audiências.²

O grupo interno são os participantes da igreja, agência missionária, parceiros e apoiadores que estão mais fortemente impactados e engajados no Projeto, por isso são recebedores mais receptivos da mensagem missionária e podem se envolver ainda mais diretamente com a missão e até se tornarem também missionários de ponta. O grupo intermediário são as pessoas que no campo missionário ajudam na logística, no processo de tradução, na recepção e apoio missionário. Seu papel de proximidade ao divulgador das Boas Novas os torna um grupo potencial de recebimento da proclamação cristã³. O povo alvo se insere aqui como resultado de processos de pesquisa missiológica e escolha missionária, contempla pessoas que já estão em relacionamento discipulador evangelístico e outros que são identificados como relacionamento potencial. O grupo chamado aqui de “comunidade”⁴ identifica a sociedade onde o povo alvo está inserido com suas instituições, entidades, organizações, empreendimentos, associações etc. Como são grupos influenciadores da sociedade devem ser alvo de atenção no relacionamento intencional cristão.

A Missão

A missão da igreja está bem explicitada nas últimas palavras de Cristo prestes à assunção aos Céus, quando Jesus declara sua autoridade soberana e dá ordem explícita que se faça discípulos bem instruídos ao ponto de alcançarem às nações, identificarem-se com sua morte e ressurreição no batismo e seguirem sob sua contínua presença divina. Essa missão Ele partilhou com seus discípulos, constituindo, na verdade, uma comissão:

“É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém”.⁵

A missão é dada a nós cristãos que somos seres humanos falhos, contudo, a cumprimos em coletividade, como igreja, na dinâmica do relacionamento com o Espírito Santo de Deus. E acontece no nosso tempo

² OGDEN, James R.; CRESCITELLI, Edson. Comunicação integrada de marketing: conceitos, técnicas e práticas. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007, p. 17

³ THORSON, Esther; MOORE, Jeri (ed). Integrated communication: synergy of persuasive voices. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1996, p.143.

⁴ Ogden e Crescitelli, 2007, p. 18.

⁵ Mt 28.18-20.

mesmo, enfrentando as lutas, dificuldades e oposições existentes nos diversos contextos. De fato, “a missão evangelizadora, ainda que seja uma ação eclesial sob o dinamismo do Espírito Santo, não deixa de ser uma ação humana, sujeita às contingências da história, como qualquer outra ação”.⁶ Os missionários precisam ter esse entendimento para se lançarem a um projeto que por si só é muito exigente e precisa contar com boa maturidade para os enfrentamentos da realidade dos campos de Missões.

Uma Compreensão Espiritual Necessária

A Bíblia deixa claro que há um conflito nesse mundo quanto ao interesse da igreja de Cristo – em evangelizar e cumprir a grande comissão que Jesus nos entregou – e o interesse de Satanás em manter sob seu domínio ou influência aqueles que ainda não compreenderam a mensagem e o poder da Salvação de Cristo, também sua ação de ir contra o crente e em detrimento da obra em prol do bem, da paz, da saúde, salvação e das coisas que a acompanham . Alguns textos bíblicos mostram ou sugerem que Satanás age como um opositor (Zc 3.1), um incitador do erro (1Cr 21.1), um poderio que mantém olhos de entendimento fechados para evitar que aconteçam conversões de pessoas a Deus (At 26.18). Jesus disse mesmo que Satanás vem e “tira a palavra que foi semeada nos corações” (Mc 4.15). Além desses exemplos, o apóstolo Paulo narra que bem quis ir aos irmãos que precisavam da presença dele num campo missionário onde uma igreja fora plantada, contudo Satanás o “impediu”⁷ (1Ts 2.18). Contudo, a luta contra o mal satânico e demoníaco nesse mundo acontece apenas por motivo dos propósitos soberanos de Deus em relação a igreja e ao mundo, pois Cristo já venceu sobre os poderes do mal na cruz do Calvário (Cl 2.15).

É próprio destacar quanto ao combate contra os poderes malignos:

“Precisamos saber sobre batalha espiritual é que ela não é uma luta de igual para igual. O diabo não tem um poder comparável ao de Deus. Jesus nos garantiu: “Toda autoridade me foi concedida no céu e na terra” (Mt 28.18). Estamos diante do poder supremo e ilimitado de Jesus Cristo como Deus e, do outro lado, de uma força um tanto macabra e estranha, mas que é pequena demais perante o domínio e soberania de nosso Senhor sobre tudo e todos”⁸.

“A luta contra a escuridão espiritual é real porque estamos envolvidos numa batalha contra os príncipes das trevas deste século (Ef 6.12) e buscamos trazer as pessoas das trevas e do poder de Satanás para a luz de Deus (At 26.18). Mas devemos confiar que, na luta contra as trevas, a luz sempre vence”⁹.

A luta contra o mal pode ser entendida como uma batalha que destaca três elementos principais, a carne com seus impulsos, o mundo com seus atrativos e os espíritos do mal querendo manipular a ocasião para a tentação e o fracasso contra as pessoas. Podemos resumir esse conflito dizendo que:

⁶ BRIGHENTI, Agenor. A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006, p.5.

⁷ O texto do N.T. Grego diz ἐνέκοψεν (enékopsen), o 1º Aoristo Indicativo Ativo de ἐγκόπτω (egkóptō) indicando que impediu, dificultou ou importunou atrapalhando.

⁸ CONTAIFER, Valdeir. Fazendo Discípulos no Mundo em Trevas: como vencer a batalha espiritual na missão. Rio de Janeiro: JMN, 2017, p.24.

⁹ Idem, p.24a.

“a batalha espiritual consiste no conflito que envolve o mundo, a carne e as hostes espirituais da maldade. Devemos lutar sempre buscando agradar a Deus. É certo que a vitória do cristão dependerá do grau de proximidade dele com o Senhor que o arregimentou. O apóstolo Paulo nos diz: “Nenhum soldado em serviço se envolve com assuntos da vida civil, pois deseja agradar àquele que o alistou para a guerra” (2Tm 2.4).¹⁰”

A reflexão quanto a tarefa missionária e o cumprimento da missão precisa considerar o conflito espiritual com os espíritos de trevas. Essa é a ponderação que trazemos nesse escrito.

DISCERNIMENTO DE ENTIDADES ESPIRITUAIS

Algo que deve ficar claro para todos nós e, especialmente, para quem se lança à tarefa missionária nos campos avançados de missões é que existe, realmente, espíritos ruins que atuam para prejuízo dos seres humanos.

Num episódio narrado especialmente nas Escrituras encontramos o seguinte relato de um pai, diante de Jesus Cristo, descrevendo o infortúnio de seu filho sofrendor de possessão maligna. Diz ele: “Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando” (Mc 9.17,18). No texto de Mateus a narração inclui “caí no fogo e outras muitas, na água” (Mt 17.15), ainda Lucas se atentou no episódio para os detalhes que “um espírito se apodera dele, e, de repente, o menino grita, e o espírito o atira por terra, convulsiona-o até espumar; e dificilmente o deixa, depois de o ter quebrantado” (Lc 9.39). Os discípulos de Jesus tinham vívida suas memórias sobre o acontecido e se completam nos detalhes que descrevem a violenta incorporação e maltrato de um demônio para com um ser humano sofrido.

A realidade das narrativas bíblicas também tem suas versões modernas nos campos missionários e na experiência contínua da igreja em eventos narrados quando da evangelização, e noutros momentos diversos. Eu mesmo tenho me deparado inúmeras vezes com casos de possessão espiritual maligna que tenho enfrentado no nome de Jesus para livramento de vidas oprimidas pelo mal. Numa experiência marcante que aconteceu na residência de nossa família quando fomos procurados para orar por uma mulher que clamava por ajuda contra um demônio, muitos familiares nossos estavam nessa noite em nossa casa, que um espírito mau “imitando a voz fraca de uma senhora idosa, que seria, segundo ele, um espírito de uma avó morta, mostrava um riso debochado quando clamávamos em oração e, então, confessava que era um demônio”¹¹. Foi a oração a Deus e a ordem por Jesus para sair da vida oprimida que fez o espírito mau se retirar da mulher afetada na experiência sombria que a afligia.

A multiplicidade das experiências com entidades malignas diante das pessoas é de tal monta que não iria passar incólume numa sociedade investigativa como a que temos em nossos dias. Então a cultura não deixou de perceber e de reagir às incorporações. Assim é que o CID-10, um importante e reconhecido código internacional de doenças e problemas relacionados com a saúde, menciona e classifica as possessões

¹⁰ Ibidem, p.29.

¹¹ CONTAIFER, Valdeir. *Enfrentando as Trevas sob a Divina Luz*. São Paulo: All Print, 2017, p.28.

espirituais. Essa classificação é uma resposta ao entendimento do que seja a saúde, porque à medida que o conceito de saúde se amplia envolve também os aspectos da alma.

A chamada Agenda 21, que marcou-se como um instrumento de planejamento para a sustentabilidade das sociedades, buscando conciliar justiça social com proteção ambiental e eficiência econômica construindo seus documentos e acordos a partir das diretrizes da Agenda 21 Global no ano de 2002¹² registra no site do ministério brasileiro do Meio Ambiente, no tópico 6.3 da Agenda 21, que a saúde precisa ser considerada em seu aspecto espiritual tanto quanto as outras áreas tradicionais de atenção física, biológica e social:

“A saúde depende, em última instância, da capacidade de gerenciar eficazmente a interação entre os meios físico, espiritual, biológico e econômico/social. É impossível haver desenvolvimento saudável sem uma população saudável; não obstante, quase todas as atividades voltadas para o desenvolvimento afetam o meio ambiente em maior ou menor grau e isso, por sua vez, ocasiona ou acirra muitos problemas de saúde. Por outro lado, justamente a ausência de desenvolvimento tem uma ação daninha sobre a saúde de muitas pessoas, fato que apenas o desenvolvimento tem condições de mitigar. Por si própria, a área da saúde não tem como satisfazer suas necessidades e atender seus objetivos; ela depende do desenvolvimento social, econômico e espiritual, ao mesmo tempo que contribui diretamente para tal desenvolvimento”.¹³

Possessão Espiritual no CID-10 e 11

É preciso entendermos saúde como um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, social e espiritual, em aproximação da Bíblia quando espera na situação de bem-estar que haja “prosperidade e saúde”, sendo que a prosperidade social seja reflexo da prosperidade de alma (3Jo 2), também na Bíblia o apóstolo Paulo incluía em sua saudação de paz, a graça divina. Realmente para a saúde ser plena é preciso que inclua o aspecto espiritual. E o aspecto da saúde espiritual já desponta até nas classificações modernas sobre doenças psíquicas, incluindo, assim, a saúde na alma.

O Código Internacional de Doenças (CID-10) contempla em sua descrição dos males que afligem o ser humano o “Transtorno de Transe e Possessão”:

“Distúrbios em que há uma perda temporária do senso de identidade pessoal e plena consciência do ambiente. Inclua aqui apenas estados de transe que são involuntários ou indesejados, ocorrendo fora de situações religiosas ou culturalmente aceitas”.¹⁴

O CID-11, a atualização do CID-10, é ainda mais específico e procura caracterizar o transtorno de transe e possessão como um mal que resulta em sofrimento significativo e transtorno que afeta intensamente a vida pessoal, familiar, social, ocupacional e outras, mas que, insiste, não deve ser explicado na busca de paralelo com algum outro tipo de distúrbio mental ou comportamental, ou mesmo do desenvolvimento neurológico. E, apenas, se enquadrará como possessão se os sintomas observados não forem devido aos efeitos causados por medicamento ou substância agindo no sistema nervoso da pessoa, ou mesmo sendo advindo de efeitos de abstinência, estados alterados, exaustão ou como distúrbio do sono-vigília, entre outros. Quer deixar claro que a possessão de que trata o CID 11 não é a esquizofrenia nem o transtorno psicótico agudo e

¹² <https://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21.html>

¹³ <https://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global/item/608.html>

¹⁴ CID-10 F44.3

transitório ou a mudança de personalidade secundária, que tem outras classificações no manual, notadamente nos códigos 6A20, 6A23 e 6E68, respectivamente.

É significativo para pesquisadores e estudiosos da religião que o manual médico CID 11 descreva tão precisamente que o distúrbio de transe de possessão é caracterizado por estados de transe nos quais há uma alteração acentuada no estado de consciência do indivíduo e o senso costumeiro de identidade pessoal do indivíduo é substituído por uma identidade externa de "posse" e na qual os comportamentos ou movimentos do indivíduo são experimentados como sendo controlados pelo agente possuidor. Assim se expressa o CID-11:

“Possession trance disorder is characterized by trance states in which there is a marked alteration in the individual’s state of consciousness and the individual’s customary sense of personal identity is replaced by an external ‘possessing’ identity and in which the individual’s behaviours or movements are experienced as being controlled by the possessing agent. Possession trance episodes are recurrent or, if the diagnosis is based on a single episode, the episode has lasted for at least several days. The possession trance state is involuntary and unwanted and is not accepted as a part of a collective cultural or religious practice. The symptoms do not occur exclusively during another dissociative disorder and are not better explained by another mental, behavioural or neurodevelopmental disorder. The symptoms are not due to the direct effects of a substance or medication on the central nervous system, including withdrawal effects, exhaustion, or to hypnagogic or hypnopompic states, and are not due to a disease of the nervous system or a sleep-wake disorder. The symptoms result in significant distress or significant impairment in personal, family, social, educational, occupational or other important areas of functioning. Exclusions: Schizophrenia (6A20); Disorders due to use of other specified psychoactive substances, including medications (6C4E); Acute and transient psychotic disorder (6A23); Secondary personality change (6E68).”¹⁵

Também muito referido é o DSM-IV, o manual estatístico das desordens mentais da Associação Americana de Psiquiatria, que orienta:

“Apenas estados de transe involuntários e não desejados são considerados transtorno, não deve ser classificado como doença quando ocorre apenas em situações adequadas ao contexto cultural ou religioso do sujeito”.¹⁶

Então, as possessões indesejadas são enfermidades na alma que precisam de tratamento e se deve tratar, apenas, as pessoas que entendem que a possessão maligna é um problema para si. E isso concorda com Jesus Cristo que explicou que quem se considera com saúde, não necessita de médico, mas, sim, os que estão doentes (Mc 2.17).

¹⁵ 6B63 Possession trance disorder - Fonte: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http://id.who.int/icd/entity/1374925579>

¹⁶ DSM—IV. American Psychiatric Association. Disponível em: <http://traumadissociation.com/osdd>. Acesso em 22.06.2019.

Embora a sociedade de médicos e psicólogos não seja unânime na classificação da possessão como enfermidade causada por entidades espirituais¹⁷, fica claro que o fato de constar na classificação de manuais especializados e de referência como o CID e o DSM confirma que a possessão demoníaca tem incomodado os pesquisadores e profissionais da saúde a ponto de ser referido no âmbito psiquiátrico e psicológico¹⁸.

Se mesmo a sociedade mais secularizada, distante do olhar da fé, que é próprio à igreja, consegue perceber e considerar a discussão da enfermidade da alma causada pela possessão, o que diríamos das pessoas que se lançam à tarefa da evangelização e libertação dos cativos espirituais pelas trevas espirituais? Sem dúvida, muito mais interesse, pesquisa e habilidade se espera desses em lidar no combate contra o maligno que age diretamente nas vidas ainda sem Cristo Jesus.

Percepção dos espíritos demoníacos na cultura antiga

Desde muito tempo a humanidade tem percebido a presença de entidades espirituais querendo influenciar as pessoas e os povos, a maioria das vezes os chamaram de deuses e lhes prestaram culto, serviço e veneração. A idolatria foi a produção cultural que trocou a crença no Deus Criador universal pela obscuridade das representações regionais. O apóstolo Paulo explicou:

“Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis”.¹⁹

Também aos cristãos da Galácia, Paulo escreve exortando contra a religiosidade distante da Revelação da Bíblia:

“Quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?”²⁰

Nesse texto citado, o ensino paulino faz referência ao retorno dos cristãos gálatas ao que chamou de “rudimentos”, cuja palavra grega traduzida aqui é *stoicheía* (στοιχεῖα) e pode também significar “elementos”. Em geral há muita resistência para a aceitação que esses “elementos” ou “rudimentos” sejam personalidades espirituais identificadas com a idolatria. Por exemplo, D.L. Moody rejeita completamente essa ideia por entender que os judeus não seguiam a idolatria e isto é verdadeiro, se a consideração for apenas ao povo dessa época de Paulo no primeiro século. Diz Moody em seu comentário da carta de Gálatas:

“Ele aqui não se refere aos elementos físicos, como em II Pe. 3:10,12, nem aos corpos celestes, nem aos espíritos elementares que os antigos consideravam associados a esses corpos (jamais Paulo teria concordado que serviria tais espíritos quando vivera sob a Lei). São os elementos rudimentares,

¹⁷ ALMEIDA, A. M.; CARDEÑA, E. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID11. Rev. Bras. Psiquiatr. vol.33 supl.1, São Paulo, Mai-2011.

¹⁸ LUKOF, D. Toward a More Culturally Sensitive DSM- IV: Psychoreligious and Psychospiritual Problems. J. Nerv. Ment. Dis. 180, 1992, pp 680-682.

¹⁹ Rm 1.21-23

²⁰ Gl 4.8,9

porque pertencem à religião legalista do Judaísmo, e não ao Cristianismo, a fé mais adulta e mais espiritual”²¹

Contudo, o que faremos aqui no capítulo 4 de Gálatas para explicar que os elementos do verso 9 estão associados aos falsos deuses” do verso 8? Adolf Pohl sugere que o sentido dos elementos é que os gálatas “obedeciam a instruções de alimentação e prescrições sobre festas, isto é, a “rudimentos fracos e pobres” (Gl 4.9), a fim de coroar a obra de Deus com essas coisas.”²²

Em textos de difícil interpretação, Paulo diz em Colossenses 2.8 que não haja alguém que domine o crente “através da filosofia e vazio engano segundo a tradição das pessoas e segundo os “elementos do cosmos” (em grego: *tá stoicheía tou kósmou*)²³; no verso 18 diz que ninguém desqualifique ao crente querendo mostrar que é mais humilde e que está embasado em coisas que diz que viu e “culto dos anjos” (grego: *thrēskeía tōn aggélōn*)²⁴ e faz, outra vez, referência aos “elementos do cosmos” no verso 20 (grego: *stoicheiōn tou kósmou*)²⁵. O comum da interpretação de “rudimentos” (*stoicheía*) deveria nos remeter a Hebreus 5.12, quando o escritor diz sobre ensinar “os rudimentos do princípio dos oráculos de Deus”, mas estamos aqui em terreno em que faltam fundamentos para a compreensão do transfundo cultural do primeiro século²⁶. Devemos verificar a tradição cultural.

Os gregos em sua filosofia deixaram indícios da percepção da presença ou influência de entidades sobrenaturais a que chamavam *daimon* (δαίμων) ou *daimónion* (δαιμόνιον). Heráclito fala contra a crença comum dos gregos de que um daimon se liga a uma pessoa quando ela nasce²⁷ para influenciar seu destino.²⁸ Empédocles, no entanto, utiliza a palavra daimon como uma designação para a alma.²⁹

Ao lermos ‘A República’, podemos perceber que Platão via, de certa forma, o daimon como uma espécie de anjo da guarda³⁰, mas também em outra feita o identifica com a alma humana.³¹ E o daimon como uma intermédia figura entre os deuses olímpicos e os mortais também tem lugar em Platão quando trata a respeito de Eros, o apresentando demoníaco.³²

Os pitagóricos, ou de tendência pitagórica e platônica, assumiram uma posição em que situavam os deuses maiores, os *ouranioi* (οὐράνιοι), habitando o éter enquanto os *daimones*, sendo menores, habitavam as regiões inferiores, designadas de regiões dos ares, que, no entanto, é superiores aos homens. Um daimon quer agir para interferir sobre as ações humanas³³.

²¹ MOODY, D.L. Comentário Bíblico Moody - Gálatas, p.25

²² POHL, Adolf. Carta aos Gálatas: comentário esperança. Curitiba: Evangélica Esperança. 1999, p.66.

²³ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου

²⁴ θρησκεία τῶν ἀγγέλων

²⁵ στοιχείων τοῦ κόσμου

²⁶ Quanto a utilização do termo grego *stoicheía* para elementos físicos, 2ª Pedro 3.10 é um exemplo.

²⁷ Fragmento 119

²⁸ O conceito de *eudaimonia* (ευδαιμονία), “felicidade”, literalmente “estar tomado por um bom daimon” está vinculado a essa crença antiga na Grécia.

²⁹ Fragmento 115

³⁰ A República 620d

³¹ Timeu 90a

³² *Symposium* (ou Banquete) de Platão 202d–203a

³³ As Leis de Platão, 714a-b; D.L. VIII, 32. Em Leis 899 a negação da Providência (em grego: *pronoia*), que mostra o ateísmo dos elementos interferirem, é interpretado como blasfêmia.

Plutarco chega a delinear o culto das entidades intermediárias buscando na antiguidade oriental as suas bases³⁴. Também Fílon, o judeu, procurou identificar os daimones da filosofia grega com os anjos do judaísmo.³⁵

A cultura helênica deixou um forte rastro de elementos da espiritualidade em seus escritos filosóficos, mesmo que houvesse, paradoxalmente, muito de materialismo ligado à diversas concepções. Teria essa jaez cultural chegado ao primeiro e segundo século do Cristianismo dando subsídios para o léxico escolhido e usado em O Novo Testamento com respeito aos seres espirituais? Nos parece que sim.

Nos tempos do Antigo Testamento os demônios foram representados nas imagens e esculturas de divindades que se mostraram muito distantes do Deus revelado na Bíblia. E Israel, vez por outra, pecou na idolatria e na feitiçaria. É importante destacar que:

“Essas entidades que eles veneravam na realidade eram demônios (1Co 10.19-22; Ap 9.20). No Novo Testamento, o nome grego utilizado para descrever os demônios é *daimonion* (diminutivo de *daimon*, encontrado em Mateus 8.31,32). Os demônios são referidos como seres hostis aos homens e contrários a Deus, sendo Belzebu o seu príncipe (Mc 3.22). Atos dos Apóstolos os chama de espíritos maus (19.13-20).”³⁶.

O que temos observado é que a sociedade percebe a ação espiritual e a interpreta em sua produção cultural. Em nosso livro ‘Diversidade Eclesiástica Brasileira’ apresentamos a tese que “a sociedade em que estamos inseridos demanda da igreja qual a interpretação para o universo espiritual que se manifesta aos seus cidadãos e o que fazer diante dessa realidade.”³⁷ E ainda mais, temos percebido acontecer a igreja como resposta das demandas sociais. E se agimos conforme a sociedade, se a nossa agenda é ditada pelas circunstâncias, a própria intervenção para livramento do mal se transformará em ação cultural, ao invés de ação espiritual. É um grande perigo quando a igreja com seus conceitos, referências e ação se identifica apenas como produto da cultura, longe da ação em resposta à Revelação de Deus. Nosso compromisso cristão precisa, se evangélico for, agir em prol da centralidade da igreja em Cristo Jesus:

“A resposta da igreja evangélica brasileira ao problema da batalha contra o mal, muitas vezes, distorce a essência do Evangelho exagerando a ênfase. E sabemos que, embora recorrente nas Escrituras, o tema do confronto direto com o Maligno não é central. A centralidade está na pregação da Redenção em Cristo, na obra da Salvação que Ele realizou e não no confronto, mesmo que dramático, contra as trevas desse século. O apóstolo Paulo, mesmo diante de uma sociedade mística e sincrética como a dos coríntios, não se afastou do centro do Evangelho. Ele disse para a igreja: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (1Co 2:2).”³⁸

A igreja tem como seu desafio atual estudar a questão premente da batalha contra o mal e buscar apresentar uma resposta relevante com base nas Escrituras que traga os membros da igreja novamente para o exercício de fé e prática evangélica. E é próprio que haja expectativa saudável de os nossos missionários em campo e os estudantes de missões crescerem no discernimento espiritual para reconhecimento da ação maligna, quando se manifestar ou quando se ocultar em meio aos pecados e transgressões. A partir dessa maturidade

³⁴ Platão em ‘A República’ 468e-469b; Hesíodo em Erga 159-160.

³⁵ Fílon de Alexandria. De Somn 141. & De Gigant 6-9

³⁶ CONTAIFER, Valdeir. Fazendo Discípulos no Mundo em Trevas: como vencer a batalha espiritual na missão. Rio de Janeiro: JMN, 2017, p.33.

³⁷ CONTAIFER, Valdeir. Diversidade Eclesiástica Brasileira. Middletown, DE, USA: Amazon, 2019, p.17.

³⁸ Idem, p.25.

bem mais além que o discernimento natural humano, precisamos nos preparar para a evangelização de povos que são ainda distantes do conhecimento do Evangelho.

Consciência da atividade de espíritos maus em nossa cultura

Fora dos estudos teológicos e do testemunho das igrejas a condição de possesso espiritual tem relação direta com a aceitação social dessa condição. Ioan Lewis diz que a possessão é uma avaliação cultural da condição da pessoa e significa exatamente o que a expressão diz, ou seja, uma invasão do indivíduo por um espírito. Assim, “se alguém é, em seu próprio meio cultural, considerado em termos gerais como possuído por um espírito, então essa pessoa está possuída”.³⁹ Mello e Souza pensa que foi mais na idade moderna que os seres demoníacos passaram a ser percebidos e “o inferno e seus habitantes tomaram conta da imaginação dos homens do Ocidente”⁴⁰. Câmara Cascudo escreveu:

“Diabo no Brasil é o diabo português, com os mesmos processos, seduções e pavores. Como não me foi possível compreender um demônio entre os indígenas ou negros escravos, creio que negros e ameríndios ajudaram ao satanás dos brancos, ampliando-lhe domínio e formas mas sem que lhe dessem nascimento. Continua o diabo metamorfoseando-se diversamente”⁴¹.

É inegável a consciência de que espíritos pululam o ideário de sociedades contemporâneas, seja na academia, nas empresas ou na arte. Há descrições que apenas leva em conta o fenômeno e outras que busca sentido simbólico ou mesmo religioso, mas as pessoas estão conscientes da presença dos espíritos em seu dia a dia. E esse fato pressupõe responsabilidade aos pastores, missionários e demais líderes cristãos sobre a necessidade de consideração doutra e ação evangélica competente em relação a presença dos espíritos demoníacos na produção cultural e no sofrimento ou opressão infligido às pessoas.

Um jornalista escreveu sobre a grande incidência de entidades espirituais nas novelas televisivas. Diz ele:

“Os fantasmas são frequentes nos folhetins. Quem não se recorda de Alexandre, personagem de ‘A Viagem’? (...) a novela foi ao ar pela primeira vez em 1975 na TV Tupi e ganhou *remake* global em 1994 (...) atuavam em dois planos: o da vida e o da morte. Outros fantasmas famosos foram Jorge Tadeu, personagem de Fábio Júnior em ‘Pedra sobre Pedra’ de Aguinaldo Silva (1992); Acácio (Chico Diaz), o ai do peão Tião, em ‘América’, de Glória Perez (2005); Luna (Liliana Castro), em ‘Alma Gêmea’, de Walcyr Carrasco (2005), que reencarnava na índia Serena (Priscila Fantim). No *remake* de ‘O Profeta’, de Ivani Ribeiro (...) a atriz Carolina Kasting tem seus dias de fantasma”⁴².

A lista de filmes e de livros que apresentam personagens espirituais poderia ser imensa, sejam na concepção de fantasmas ou de demônios diretamente mencionados, e aumenta a cada dia. Nosso interesse nesse passo

³⁹ LEWIS, Ioan. O Êxtase Religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo. São Paulo: Perspectiva, 1977, p.52.

⁴⁰ MELLO E SOUZA, Laura. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras. 1986, p.139.

⁴¹ CÂMARA CASCUDO, Luís da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro. s/d p.353.

⁴² JACINTO, Etienne. Observatório da Imprensa, 28 de janeiro de 2006.

é chamar a atenção para o fato que a sociedade, de uma forma ou outra, considera as presenças espirituais e nós, missionários e líderes eclesiais, devemos considerar de maneira a responder pelas Escrituras e pela ação cristã evangélica. Os missionários que vão aos campos avançados de missões necessitam muito desse conhecimento e habilidade para ação cristã correta e relevante.

I. Ação evangelizadora transcultural

A pregação missionária é supra cultural. Alguns dizem em tom depreciativo que os missionários levam um Deus estrangeiro aos povos variados que já têm sua própria religião. Essa crítica, no entanto, se mostra superficial por desconsiderar o conteúdo da evangelização visto que o missionário cristão vai aos povos em nome do Deus Criador, daquele que tem direito universal sobre toda a Terra e sobre todos nós (Sl 24.1).

A menção missionária legítima, ou seja, aquela que não está subjugada ao etnocentrismo, que surge a partir da concepção bíblica do Deus vivo que revela sua Pessoa, ações e vontade comissionando o fiel a fazer “discípulos de todas as nações” (Mt 29.19,20), não é um apelo de alguma cultura religiosa com uma divindade local. O Deus que intervém na história⁴³ age também na obra missionária para proveito de todo o que crê, seja de que povo for (Rm 1.16). Esse Deus de missões, ou seja, o Deus que envia mensageiros especialmente chamados a proclamar as Boas Notícias de salvação e paz na redenção da alma humana por Cristo não foi forjado pela cultura, não é produto da imaginação (At 17.29). Dessa forma, Deus não pode ser descartado por algum argumento xenófobo. Então, é próprio que sejam levantados mensageiros anunciando o que Deus tem feito em Jesus Cristo para que a paz com Ele seja restaurada à humanidade. "Pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus" (1 Coríntios 2:23,24).

Francis Schaeffer argumenta em favor da plausibilidade de Deus se comunicar, diz ele:

“No Cristianismo histórico um Deus pessoal criou um homem à sua própria imagem e, neste caso, não há nada de absurdo em supor que ele se comunicaria com o homem de forma verbalizada. Por que ele não se comunicaria verbalmente, se ele fez do homem um ser que verbaliza, tanto em pensamentos, quanto na comunicação com outros homens? Tendo Criado o homem à sua própria imagem, por que ele falharia em comunicar-se com aquele ser que verbaliza nos mesmos termos?”⁴⁴

A comunicação de Deus é o que chamamos revelação e pressupõe que “sendo os seres humanos finitos e Deus, infinito, não podemos conhecer a Deus, a menos que ele se revele para nós”⁴⁵, e mais ainda:

“Deus tomou a iniciativa, fazendo-se conhecer a nós de uma forma mais completa do que na revelação geral e que o fez de um modo apropriado para nosso entendimento. Isso significa que homens perdidos e pecadores podem chegar ao conhecimento de Deus e, depois, crescer no conhecimento do que ele espera de seus filhos e promete a eles. Uma vez que a revelação inclui tanto a presença pessoal de Deus como a verdade informativa, temos condições de identificar Deus, de conhecer alguma coisa a respeito dele e de mostrá-lo a outras pessoas”⁴⁶.

⁴³ A Bíblia diz que Deus apareceu aos patriarcas de Israel como o Deus Todo-Poderoso e que fez conhecido a Moisés o seu Nome estabelecendo aliança (Êx 6.2-8) e na continuidade da progressão da Revelação de Deus explica que “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4.4)

⁴⁴ SCHAEFFER, Francis A. O Deus que Intervém. São Paulo: Cultura Cristã. 2002, p.81.

⁴⁵ ERICKSON, Millard J. Introdução à Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova. 1992, p.41.

⁴⁶ Idem, p.65.

A evangelização como apresentação de Deus em Cristo para outras pessoas está incluída na ação comunicativa de Deus. E Deus já manifestou que é de Seu agrado que essa comunicação chegue, de forma especial, a todos. O apóstolo Paulo diz que Deus “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2.4,5). Assim, o fato de Deus comunicar e mover comunicadores missionários em Seu nome mostra que Sua imanência continua ativa em favor da humanidade. Erickson explica:

“A imanência de Deus significa que há pontos em que o evangelho pode fazer contato com o descrente. Se Deus está de alguma forma presente e ativo em todo o mundo criado, está presente e ativo dentro de seres humanos que não lhe entregaram pessoalmente a vida. Assim, há pontos em que estarão sensíveis à verdade da mensagem do evangelho, aspectos em que já estão em contato com a obra de Deus. A evangelização tem por alvo encontrar esses pontos e dirigir a mensagem a eles.⁴⁷”

Encontrar pontos de contato para o entendimento do outro em cultura diversa com construção religiosa distante da Revelação de Deus em Cristo é o que se espera do missionário, que apresente a boa comunicação da mensagem de Cristo em resposta às áreas sensíveis que aguardam serem tocadas e preenchidas no recebimento da Graça salvadora de Deus. Isso exige maturidade evangelística missionária, também competência intercultural.

Competência Intercultural

É importante à maturidade do missionário enviado a culturas diferentes da cristã, e que apresentam valores espiritualistas díspares, que se tenha munido da ferramenta dialogal característica do que tem sido conhecido como competência intercultural, um tipo de habilidade de interação intencional que considera a cultura de chegada como uma concepção de interpretação e comunicação que se propõe a relacionamentos verdadeiros que contribuam para o bem do próximo. Volkmann diz que os agentes envolvidos em um encontro intercultural devem procurar conhecer as diferenças entre a cultura do outro e a sua própria e reconhecer essas diferenças em circunstâncias concretas para desenvolver estratégias⁴⁸ que possam lidar de forma inteligente e apropriadamente com os costumes da outra cultura”.⁴⁹

É necessário, no entanto, o cultivo de capacidades de empatia, de tolerância diante de confusões e de manejo de conflitos, que deve servir a situações em que a compreensão entre diferenças inusitadas apareça⁵⁰. Nem sempre o inusitado cultural que surge como estranhamento é ruim porque pode agir como uma chave

⁴⁷ Ibidem, p.92.

⁴⁸ VOLKMANN, L. Aspekte und Dimensionen interkultureller Kompetenz. In: VOLKMANN, L; STIERTORFER, K; GEHRING, W. (Hrsg.) Interkulturelle Kompetenz: Konzepte und Praxis des Unterrichts. Tübingen: Gunter Narr Verlag, p. 47-67, 2002.

⁴⁹ O termo competência intercultural é geralmente entendido como a capacidade e a habilidade para a aprendizagem de línguas estrangeiras, porém usamos numa acepção missiológica aqui porque os envolvidos em um encontro intercultural se apresentam para conhecer as pessoas da cultura nova em situações concretas e buscam o desenvolvimento de estratégias sensíveis ao entrar na prática da outra cultura.

⁵⁰ WEIER, U. Interkulturelles Lernen und Stereotype englischer Alltagskultur. In: VOLKMANN, L; STIERTORFER, K; GEHRING, W. (Hrsg.) Interkulturelle Kompetenz: Konzepte und Praxis des Unterrichts. Tübingen, Gunter Narr Verlag, p. 165-191, 2002.

interpretativa que abra a porta de acesso de uma torre destacada do conjunto de edificações para uma ponte de interligação cultural na comunicação e no compartilhar do coração.

Usando o modelo de Byram, podemos dizer que o missionário que cultiva a competência intercultural é “capaz de ver relações entre diferentes culturas, de mediar, de interpretar cada uma a partir da perspectiva do outro, para os outros ou para si mesmo. Além disso, é pessoa que possui compreensão crítica e analítica das partes da própria cultura e de outras e que tem consciência de sua perspectiva pessoal, da forma pela qual seu pensamento foi determinado culturalmente, ao invés de acreditar que a sua compreensão e perspectiva é a natural”.⁵¹

A competência intercultural também pressupõe a capacidade de trabalhar isolado da agência de envio e do ambiente eclesialístico que é comum ao crente no ambiente de cultura cristã majoritária. Há diferença notória entre o trabalho pastoral eclesialístico e o trabalho missionário num campo de missões. No campo missionário o apoio das pessoas treinadas na Bíblia e com vivências em Cristo de situações que trouxeram amadurecimento e capacidade de resiliência ante aos embates do cotidiano e aspereza do trato de outrem praticamente inexistente, ainda mais quando o missionário está num campo novo de trabalho com implantação recente. Dificilmente há ministérios auxiliares para o exercício do pastorado numa missão transcultural, é preciso que o missionário seja do tipo multitarefas, proativo, determinado, magnânimo e com habilidade para liderança cristã.

“É preciso destacar que a chamada missionária é distinta da chamada pastoral ou de outra experiência ministerial eclesialística porque a vocação missionária é muito mais solitária como engajamento ao sofrimento pessoal porque caracteriza-se em muito pelo “deixar-se ir”.⁵²

É fundamental ter consistência doutrinária e vivência ministerial, pois o campo não é propriamente o lugar do amadurecimento ministerial, mas, sim, do exercício da vocação.

Algumas vezes, fazendo trabalho de coordenação de missionários nos campos avançados de missões, encontramos obreiros se ressentindo da ausência de sua agência missionária onde estão, sem se darem conta de que eles mesmos são a representação de sua agência, são eles os enviados levando a igreja consigo e a dinâmica missionária de sua missão.

Byram reconheceu um grupo de elementos que, se considerados, facilitam a compreensão, diálogo e a habilidade para fortalecer a competência transcultural. Ele discorre sobre atitudes que buscam uma boa disposição diante daquilo que se apresenta, a princípio, estranho na cultura do interesse, inserido à curiosidade para entender o outro e a boa vontade para reconstruir noções que se aglomeraram formando expectativas erradas e estereótipos artificiais do tipo de cultura e da cosmovisão que o outro porventura tenha; também sobre o conhecimento de grupos sociais com seus produtos e práticas na sociedade alvo do interesse comunicativo. Quer ele que o interlocutor busque previamente saber quais os processos interacionais, de modo mais geral, que a sociedade apresenta e que é recebido pelo indivíduo na prática comum do seu dia a dia; é preciso que desenvolva habilidades de interpretação e estabelecimento de relações que ajude a explicar e correlacionar as expressões da leitura com eventos próprios à cultura. Também saber relacionar texto e cultura permitirá maior acesso a informações históricas e significativas nas interações e relacionamentos. E há habilidades de descoberta e interação que ajudam na aquisição do

⁵¹ BYRAM M.; GRIBKOVA, B.; STARKEY, H. Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers. Disponível em: . Acesso em: 25 de maio 2007.

⁵² CONTAIFER, Valdeir. Vocação Missionária e Missões. p.15.

novo conhecimento cultural com suas práticas e costumes, a isso somam a operação do conhecimento diante das dificuldades da comunicação e interação em tempo real.⁵³

Resta buscar uma consciência crítica que queira entender as relações de poder na nova cultura, avaliando com base na perspectiva do que é mais explícito e preponderante. A ideia não é a interferência cultural, não pode haver etnocentrismo, mas a compreensão das relações para o bem comunicar e entender, e agir por relacionamentos na cultura alvo.

Evangelização e conversão verdadeira

Evangelizar é comunicar o Evangelho de Cristo levando não apenas a mensagem, mas o próprio Cristo vivo como Deus Conosco que entra em relacionamento com aquele que crê em Sua Palavra e manifesta fé em Jesus para conversão que regenera o pecador e vivifica a alma no novo nascimento pelo Espírito de Deus. A evangelização se concretiza quando a pessoa arrependida dos seus pecados manifesta a fé depositando sua vida sem reservas aos cuidados de Jesus. Essas realidades espirituais são entendidas a partir do Novo Testamento que diz que “nós proclamamos Cristo crucificado” (1Co 1.23); e Ele e o Pai vem ao fiel fazer “nele morada” (Jo 14.23); porque manifestou sem lei “a justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos os que creem” (Rm 3.21,22); “tendo purificado a vossa alma, pela obediência à verdade (...) fostes regenerados” (1Pe 1.22,23); “todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus” (1Jo 5.1); “Arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc. 1.15).

A evangelização tem em vista a conversão a Cristo e o seguir a Palavra Dele. O apóstolo Paulo em sua Carta aos Gálatas diz de seu espanto que os convertidos da Galácia tenham passado “tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho” (Gl 1.6) e completa logo a seguir que havia alguns perturbadores que queriam “perverter o evangelho de Cristo” (v.7). Paulo insistiu que não houve mutação no Evangelho que recebeu e transmitiu. Disse ele: “eu recebi do Senhor o que também vos ensinei” (1Co 11.23), “porque primeiramente vos entreguei o que também recebi” (15.3). Órris Soares explica que se a conversão é legítima, o conteúdo recebido não é mudado:

“A conversão importa em mudança de orientação: a passagem do indivíduo de um grupo religioso para outro grupo caracteriza-se por nova disposição moral do indivíduo. A conversão dá-se, principalmente e não exclusivamente, em relação à religião (...) ‘a condição essencial da conversão é que a proposição conversa não afirme mais do que a proposição enunciada: é necessário que a extensão do s termos se conserve a mesma’⁵⁴.

Isso nos leva a entender que a conversão cristã de povos transculturais é atestada verdadeira, se assim podemos dizer, quando o conteúdo da evangelização não é modificado. O professor Waldemar Valente abre um interessante diálogo a esse respeito. Diz ele: “O objetivo da catequese deve ser a conversão, ou seja, no nosso modo de entender, a assimilação completa da nova religião”⁵⁵.

Valente explica sobre catequese entre os negros escravos que conseguiu no princípio um efeito de acomodação religiosa: “Acomodação no sentido de resolver superficialmente uma situação de conflito religioso”⁵⁶. Esse conflito estava intensificado, é claro, pela situação da escravidão, contudo, o exemplo é

⁵³ Byram, Michael. (2000). Assessing intercultural competence in language teaching. Sprogforum. 18.8-13. Captured 11h40, 20-08-2019.

⁵⁴ SOARES, Órris. Dicionário de Filosofia. Rio de Janeiro: INL. 1952, p.254.

⁵⁵ VALENTE, Waldemar. Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro. 2ª ed. São Paulo: Nacional; Brasília: INL. 1976, p.18.

⁵⁶ Idem, p.18a.

bom para nós por motivo da reflexão quanto a evangelização numa cultura distante. Diz, então, do ajustamento consciente que os negros procuraram fazer para diminuir a tensão social entre os dois grupos:

“Do ponto de vista cultural, o ajustamento foi apenas aparente. Uma mudança de formas exteriores. Um disfarce. Por trás das imagens católicas escondiam-se os deuses das religiões fetichistas”⁵⁷.

Então, nesse passo, Valente refere Nina Rodrigues tendo em vista à expressão “ilusão de catequese” que o mestre Nina dizia quanto ao resultado do trabalho missionário católico romano para com os negros escravos no Brasil imperial:

“No mínimo, sua observação deve ser tomada como uma advertência de que o fenômeno da catequese – catequese no sentido de verdadeira conversão – não é tão simples como poderá parecer à primeira vista. Sobretudo se tivermos em mente que os povos que estavam sendo catequizados não tinham a mesma experiência cultural dos povos a que pertenciam os catequizadores”⁵⁸.

Precisamos perceber que a acomodação religiosa, antes da conversão verdadeira ou conversão propriamente dita, é fenômeno “momentâneo”, como diria o professor Valente, porque a conversão pressupõe o entendimento de verdades profundas da fé cristã que exige certas abstrações que precisam de reflexão mais amadurecida da ministração do conteúdo do Evangelho junto ao testemunho vivo do trabalho evangelístico missionário. A transformação interior na evangelização transcultural virá com a assimilação da verdade de Cristo para o coração convertido. Não há conhecimento de “imperativo antropológico” para nenhum povo como um definitivo impedimento ao entendimento e aceitação do Evangelho⁵⁹.

Maturidade doutrinária

Fica perceptível, então, que o campo missionário exige preparo e competência, também um tipo de amadurecimento que chamamos de maturidade doutrinária. Descrevendo predicados requeridos para a liderança cristã, Paulo inclui maturidade: “Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo. Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta, e no laço do diabo.”⁶⁰

Richard Baxter, líder puritano, exorta na mesma direção que Paulo:

“precisamos olhar por nós mesmos para que não estejamos despreparados para as grandes tarefas que nos incumbimos de levar cabo. É preciso que não seja um bebê no conhecimento aquele que quer ensinar aos homens as coisas misteriosas que necessitam saber para assegurar-se da salvação.”⁶¹

Também Nietzsche, criticando os idealistas, exorta quanto a necessidade de que uma doutrina esteja bem firmada em sua proclamação quanto ao conteúdo, além da mera nobreza dos resultados:

“Ninguém facilmente admitirá a verdade de uma doutrina simplesmente porque faça felizes ou

⁵⁷ Idem p.18b.

⁵⁸ Idem p.18c

⁵⁹ Ibidem p.21-23. Esse é o entendimento de Waldemar Valente quanto ao erro do mestre Nina que estava preso às concepções racistas e etnocêntricas da filosofia e ciência de seu tempo, que aplicamos aqui livremente em relação à evangelização para os campos missionários.

⁶⁰ 1Tm 3.2-7.

⁶¹ BAXTER, Richard. O Pastor Aprovado. São Paulo: PES. 1996, p.53,54.

virtuosos, exceção, talvez, dos amáveis idealistas, que se exaltam pela verdade, pela beleza e pelo bem e se desvanecem em suas águas, onde nada, em confusão variegada, toda espécie de coisas desejáveis, pesadas e inofensivas”⁶².

Paulo exorta ainda em Tito 2.7: “Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra integridade, sobriedade”. William Barclay comentando esse texto, explica:

“O mestre e o pregador cristãos devem estar seguros de que propagam as verdades do evangelho e não suas próprias idéias. Não há nada mais fácil para um pregador e um mestre que ocupar seu tempo em questões secundárias. A pessoa que prega e ensina bem pode ter esta oração como seu pauta: "Deus, dê-me sentido da proporção". As coisas centrais da fé duram ao homem toda a vida. Logo que a pessoa se converte em propagandista de suas próprias idéias ou de outro interesse setorial, cessa de ser um pregador ou um mestre efetivo da palavra de Deus.”⁶³

Em meu livro “Fazendo Discípulos no Mundo em Trevas” precisei escrever sobre o “discernimento espiritual”. O ponto em questão, que trago aqui, é que a maturidade é essencial a quem se lança a fazer a executar a obra de Deus. Hebreus 5.14 ensina sobre o mantimento sólido que é próprio para os que já são espiritualmente maduros. E por que são maduros? São maduros porque têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem quanto o mal. Ou seja, quanto mais nos acostumamos a usar nosso discernimento, mais amadurecemos espiritualmente.

“O reconhecimento da obra de Jesus, ou seja, o vislumbre do brilho que o Evangelho tem, faz a pessoa perceber que o reino de Deus é chegado (Lc 11.20). É muito importante o Evangelho ser comunicado com a beleza e a força que lhe são próprias! (...) O ponto de partida da nossa ação de fazer discípulos em um mundo em trevas está em mantermos uma boa relação com Cristo por meio da oração e em sermos sensíveis para ouvir o Espírito Santo falar conosco a partir da Bíblia Sagrada.”⁶⁴

Em 2ª Coríntios 4.3 e 4, Paulo diz que o Evangelho fica encoberto aos que se perdem, pois o maligno cega o entendimento deles de forma que não percebem a luz resplandecente da Boa-Nova. O reconhecimento da obra de Jesus, ou seja, o vislumbre do brilho que o Evangelho tem, faz a pessoa perceber que o reino de Deus é chegado (Lc 11.20). É muito importante o Evangelho ser comunicado com a beleza e a força que lhe são próprias!

Ao propor que é preciso maturidade suficiente para ir ao campo missionário, estamos referindo um grau de consciência das ações e do assumir as consequências dos próprios atos. A pessoa madura tem noção das responsabilidades que leva consigo nas escolhas, palavras e ações. A maturidade traz consigo a aptidão para agir com autonomia e assertividade, e isso dependerá das experiências que nós tenhamos e do proveito que tiramos delas para agirmos com base no discernimento adquirido.

⁶² NIETZSCHE, Par-delà le bien et le mal, 73.

⁶³ BARCLAY, William. Tito. s.n.t. p.53.

⁶⁴ CONTAIFER, Valdeir. Fazendo Discípulos no Mundo em Trevas: como vencer a batalha espiritual na missão. Rio de Janeiro: JMN, 2017, p.51-52.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Nos propomos a refletir nesse artigo sobre um certo grau de maturidade que se espera das pessoas que enviamos para Missões em, pelo menos, dois aspectos muito importantes, dada a relevância do projeto missionário em contexto transcultural. Dissemos sobre um discernimento com relação ao mundo espiritual que nos cerca, notadamente a influência maligna que adoece a alma e até toma posse de indivíduos a quem subtrai a consciência embotando a manifestação da personalidade sadia. Essa agência do mal tem sido percebida e descrita tanto nos manuais de classificação de doenças da medicina, como o foi na cultura antiga e se mostra documentada na cultura de nossos dias.

O segundo aspecto de nossa atenção, logicamente, nos levou a considerar a evangelização em povos com religião bem diferentes da nossa, com valores religiosos culturais voltados para a admiração de entidades espirituais distantes da revelação de Deus. Para bem representar e apresentar o Evangelho de Cristo a esses povos é necessário algo como que uma competência intercultural e maturidade tal que permita distinguir a mera acomodação religiosa da conversão cristã verdadeira, também é próprio ao missionário ter granjeado experiências cristãs suficientes para sua maturidade na compreensão, expressão e ensino ou pregação da doutrina do Evangelho.

Podemos, das considerações até aqui apresentadas, extrair alguns pressupostos como destaques de atenção para a maturidade do conhecimento necessário para planejamento e ação missionária:

- Há um conflito nesse mundo quanto ao interesse da igreja de Cristo e o interesse de Satanás.
- Satanás age contra o crente em detrimento do bem e das coisas que o acompanham.
- A luta contra o mal satânico e demoníaco nesse mundo acontece por motivo dos propósitos soberanos de Deus.
- Cristo já venceu sobre os poderes do mal na cruz do Calvário.
- É preciso considerar que em missões estamos diametralmente contrários aos interesses do Maligno e enfrentaremos, em algum momento, algum tipo de luta exatamente por conta dessa nossa contrariedade às trevas.
- A cultura não deixou de perceber e de reagir às incorporações, até classificando como doença as possessões e transes espirituais não buscadas pelo oprimido.
- Se a sociedade secularizada, tendo os profissionais de medicina e psicologia como representantes, consegue perceber e considerar o transe e a possessão espiritual, os missionários e evangelistas o devem muito mais em prol da libertação dos cativos espirituais.
- Na cultura antiga a humanidade percebeu a presença de entidades espirituais a que chamaram deuses e prestaram culto, serviço e veneração. A idolatria expressou essa percepção.
- A Bíblia, especialmente o Novo Testamento, testifica da presença dos espíritos malignos e sua atuação, mas também os filósofos e outros escritores antigos deixaram registrado suas impressões sobre os espíritos. Em tempos atuais, a nossa cultura tem estudado nas ciências humanas a espiritualidade em ação.
- A sociedade, de uma forma ou outra, considera as presenças espirituais e os missionários e líderes eclesiais precisam considerar de maneira a responder pelas Escrituras e pela ação cristã evangélica.
- A pregação missionária é supra cultural, levamos aos povos a Revelação que o Deus do universo fez de Si mesmo para o benefício redentor e pacificador de todos.

- O missionário não deve falar como subjugado ao etnocentrismo porque não leva o conhecimento de um Deus estrangeiro aos povos variados que já têm sua própria religião, vai aos povos em nome do Deus Criador e Redentor.
- A menção missionária legítima, surgindo a partir da concepção bíblica do Deus vivo, está comissionada a fazer “discípulos de todas as nações”.
- A evangelização como apresentação de Deus em Cristo para outras pessoas está incluída na ação comunicativa de Deus.
- Encontrar pontos de contato para o entendimento do outro em cultura diversa com construção religiosa distante da Revelação de Deus em Cristo é o que se espera do missionário.
- A maturidade do missionário enviado a culturas diferentes da cristã e que apresentam valores espiritualistas precisa se dar através de evangelização dialógica.
- A competência intercultural como habilidade de interação intencional que considera a cultura de chegada como uma concepção de interpretação e comunicação em relacionamentos é treinamento muito importante ao missionário.
- Os agentes envolvidos em um encontro intercultural devem procurar conhecer as diferenças entre a cultura do outro e a sua própria e reconhecer essas diferenças em circunstâncias concretas para desenvolver estratégias.
- A competência intercultural também pressupõe a capacidade de trabalhar isolado da agência de envio e do ambiente eclesial que é comum ao crente no ambiente de cultura cristã.
- É fundamental ter consistência doutrinária e vivência ministerial, pois o campo não é propriamente o lugar do amadurecimento ministerial, mas, sim, do exercício da vocação.
- Evangelizar é comunicar o Evangelho de Cristo levando não apenas a mensagem, mas o próprio Cristo vivo como Deus Conosco que entra em relacionamento com aquele que crê em Sua Palavra e manifesta fé em Jesus para conversão que regenera.
- A evangelização se concretiza quando a pessoa arrependida dos seus pecados manifesta a fé depositando sua vida sem reservas aos cuidados de Jesus.
- A evangelização tem em vista a conversão a Cristo e o seguir a Palavra Dele.
- A conversão cristã de povos transculturais é atestada verdadeira quando o conteúdo da evangelização não é modificado.
- A acomodação religiosa, antes da conversão verdadeira, deve ser fenômeno momentâneo porque a conversão pressupõe o entendimento de verdades profundas da fé cristã.
- No campo transcultural a reflexão mais amadurecida vem da ministração do conteúdo do Evangelho junto ao testemunho vivo do trabalho evangelístico missionário.
- O campo missionário exige preparo e competência, também uma fortalecida maturidade doutrinária.
- O missionário precisa estar seguro de que propaga as verdades do evangelho e não suas próprias idéias.
- Missionários precisam ter os sentidos exercitados para discernir tanto o bem quanto o mal, estar acostumado a usar o discernimento para o ministério espiritual.
- A maturidade missionária é habilidade e aptidão para agir com autonomia e assertividade.